OS PEQUENOS LILIPUTIANOS E OS GRANDES BROBDGNAGUESES SOB O OLHAR DA CRÍTICA SOCIOLÓGICA

[1] Adriana Alves do Amaral
[2]Elis Regina Fernandes Alves

Resumo: Analisa-se a obra *As viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift, sob a perspectiva de Literatura e sociedade. Objetivou-se verificar como a obra realiza uma crítica social à sociedade Inglesa de seu tempo através de metáforas, alegorias, ironias, etc. A partir das análises das viagens a Lilipute e Brobdingnag verifica-se que a obra é uma descrição exata das opressões vividas pela população na Inglaterra no século XVIII no campo da política e religião, impostas pelo reinado tirano e amparado pelo clero.

Palavras-chave: Literatura e sociedade, Política e Religião, *As viagens de Gulliver*.

Abstract: It is analyzed the work Gulliver's travels, on the light of Literature and Society. The objective was to verify how the work makes a social criticism to the English society o fits time through metaphors, allegories, ironies, etc. From the analysis of the travels to Lilliput and Brobdingnag it is verified that the work is an exact description of the oppressions suffered by the population of England in the XVIII century in the fields of politics and religion, imposed by the tyrannical reign and supported by the clergy.

Key-words: Literature and Society, Politics and Religion, *Gulliver's Travels.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito analisar as possíveis denúncias sociais contidas na obra "As Viagens de Gulliver" de Jonathan Swift, referente o século XVIII nas Ilhas Britânicas, mais especificamente na Inglaterra e na Irlanda. Esta obra ficou conhecida como obra-prima de Swift, e atualmente é indicada como leitura imprescindível à disciplina de literatura inglesa.

Swift descreve fantásticas aventuras do viajante Lemuel Gulliver, narrador, médico cirurgião, que em suas viagens torna-se vítima das circunstâncias em países estranhos habitados por seres incríveis. Lilipute, primeira ilha residida por Gulliver, é habitada por seres diminutos, em razão disso considera-se gigante e todo poderoso; em contrapartida na sua próxima estadia conhece os brobdinagueses, seres gigantescos, Lemuel Gulliver torna-se minúsculo, é considerado um inseto insignificante pelos nativos. Laputa é mais uma ilha jazida pelo referido herói, neste país seus residentes ocupam-se de disputas irrelevantes, enquanto a população era abandonada, vivendo em ruínas causadas pelos complôs e conspirações dos dirigentes. Finalmente Gulliver chega

[1] Acadêmica do Curso de Letras- Línguas Portuguesa e Inglesa da UFAM- IEAA.
[2] Professora orientadora.

ao país residido e administrado pelos Houyhnhnms, cavalos racionais, mas outros habitantes também compõem a ilha, os yahoos, bestas irracionais que lembram a figura humana.

Este trabalho busca evidenciar as denúncias políticas e religiosas implícitas na referida obra, escondidas por trás dos recursos literários que dão maior expressividade à arte. Para maior eficácia da análise deste trabalho foi utilizado embasamento teórico de Georg Lukács (1963), Lucien Goldmann (1967), Antônio Cândido (2006), Marisa Corrêa Silva (2003) e suas respectivas tendências que serviram de suporte, e direcionamento às críticas literárias.

Estudiosos literatos, como os citados acima, têm apontado que a obra literária está indiscutivelmente ligada aos episódios sociais, já dizia Candido (2006) que tanto a sociedade influencia a obra quanto a obra a sociedade, é indiscutível que uma leitura atenta a "As Viagens de Gulliver" não leve o leitor a se questionar sobre os problemas vivenciados pela sociedade naquela época, e pode, também hoje, nos remeter a situações semelhantes.

Nesta análise, tentaremos verificar em que medida há a exposição através dos recursos literários (figuras de linguagem, ironia, sátira e carnavalização) denúncias e críticas à sociedade inglesa nas diversas categorias, com foco na política e na religião, mais especificamente na primeira viagem a Lilipute (ilha-império de natureza e habitantes minúsculos) e na segunda viagem a Brobdingnag (país dos nativos gigantes).

Na primeira parte deste trabalho, abordaremos o levantamento histórico da Grã-Bretanha para que o leitor possa se situar no contexto em que a obra fora escrita. Já a segunda parte remete-nos a uma analogia do autor e a obra para conhecer melhor o mesmo e o estilo no qual escreve. A terceira parte enfatiza a tendência literária sociológica para podermos analisar com clareza a obra de acordo com a conjuntura do autor. Em seguida será realizada uma análise crítica da primeira viagem de Gulliver a Lilipute e a segunda a Brobdingnag. Por fim há a conclusão deste trabalho, os resultados aos quais chegamos e as referências, as quais deram embasamento teórico para a realização deste trabalho.

1. A INGLATERRA

Nos reinados de Henrique e Elizabeth, no século XVII, o território foi agregado, e a nobreza foi colocada sob controle, a Igreja católica perdeu o poder para a Igreja anglicana. No século XVIII a Inglaterra passava por várias crises políticas e religiosas. Foi um período de guerras, a Revolução Inglesa foi marcada por dois conflitos, a

Revolução Puritana e a Revolução Gloriosa. Essa crise tem início com a ampliação de produtos exportados pela Europa, depreciando o comando da monarquia e o absolutismo, tirando assim o poder absoluto do rei. (ZIERER, 1978).

Com a expansão do mercado de exportação, os camponeses foram forçados a se retirarem de suas terras, e migrarem para as cidades, e por conseqüência se submeteram a serem empregados em fábricas com péssimas condições de trabalho e remunerações indignas, mais tarde em implicação a essa situação ocorreu a Revolução Industrial. Em pouco tempo a maior parte da população camponesa começou a trabalhar nas cidades, e a indústria crescia cada vez mais, os donos das indústrias cada vez mais ricos, aumentava assim o poder da burguesia. (MAUROIS, 1959).

No entanto, quando a rainha Elizabeth I morreu, houve tentativas de mudanças da parte de seu sucessor, Jaime I. Porém, essas tentativas com a finalidade de recuperar o poder não deram certo e tudo o que ele obteve foi a inimizade dos ingleses. Ocorreram diversos conflitos dos irlandeses, ingleses e escoceses contra a realeza, pois eles negavam o anglicanismo infligido por Carlos I. O principal e grande conflito foi entre os parlamentares puritanos e presbiterianos contra os absolutistas que tinham a proteção do rei. Por esses motivos o rei Carlos I foi condenado e executado por decapitação. (MAUROIS, 1959).

Conforme Zierer (1978), em 1640 o movimento puritano foi liderado por Oliver Cromwell, político, general e líder puritano, conhecido por Lorde Protetor. Cromwell liderou com êxito as revoltas na Irlanda, seu governo acatava os interesses burgueses. Quando começaram as turbulências na Escócia e na Irlanda, ele as reprimiu com brutalidade, eliminou a reação monarquista, executou os líderes escavadores que eram trabalhadores rurais e queriam tomar posse das terras da nobreza. Com tantas execuções os menos favorecidos acabaram por entrar em movimentos religiosos radicais. As divergências entre o Parlamento e o exército levaram Cromwell a fechar o Parlamento, passando assim a ter o poder sobre a Inglaterra, Escócia e Irlanda entre 1653 a 1658, com um modelo de sistema ditatorial. Em 1649 Cromwell, que havia comandado os soldados que venceram os monarcas, proclama a república, nesse período a Inglaterra deixa de ser monarquia e vira república. O líder é responsável pela formação da Comunidade Britânica, designou uma constituição para o Parlamento que favoreceu a Inglaterra a vencer a Holanda, investiu no crescimento comercial e marítimo da mesma, conservou a conquista da Irlanda e da Escócia e expandiu o império colonial, a Inglaterra tornou-se dominadora diante de qualquer povo que viesse a entrar em conflito com ela.

Zierer (1978) afirma que a contra revolução acontecera com a restauração dos *Stuarts* no poder. Quando Carlos II assume o poder de 1660-1685, restabelece a volta da Igreja Anglicana, provocando perseguições aos católicos na Irlanda. Embora tivessem direito ao voto, por serem católicos não podiam ocupar cargos públicos. A população vivia na mais abominável miséria. Em 1685 Jaime II é coroado, mas manteve-se apenas por três anos e em 1688 a Revolução Gloriosa coloca o genro de Jaime II no poder e ele exila-se na Irlanda. Então assume o poder Guilherme de Orange, holandês, membro do partido whig que, apesar de ser favorável à religião, proclama leis impiedosas para os irlandeses católicos.

Nesse período consolidaram-se dois partidos opostos no poder, os *Tories*, conservadores Anglicanos e ortodoxos, defensores das terras e dos interesses absolutos do rei, e de outro lado, os *whigs* puritanos, tolerantes aos católicos e protestantes não submissos ao Anglicanismo, parlamentaristas, republicanos e democratas. Foi o período da Restauração, onde a presença dos *Whigs* puritanos era muito forte e desenvolvia-se o período capitalista, o individualismo, a liberdade política, consciência e a crença nos direitos naturais das pessoas.

De 1727 a 1760 a Grã-Bretanha foi reinada por George II, sucedido pelo pai George I que morreu em junho 1727. Adversário político do pai, George foi coroado em outubro de 1727. O reinado de George II foi demarcado por guerras. Para impedir que o poder francês aumentasse, George II presta total apoio a Thereza Maria na Guerra de Sucessão Austríaca e vence a Guerra. A guerra tornou-se impopular entre os britânicos, George II foi um monarca pouco popular na Grã-Bretanha por manter constantes guerras contra países vizinhos. (ZIERER, 1978).

2. AUTOR E OBRA

Jonathan Swift nasceu em Dublim na Irlanda no dia 30 de Novembro de 1667. Órfão de pai desde o nascimento vive com a mãe e sob os cuidados dos tios. Em 1682 diante das convulsões políticas e religiosas em toda a Irlanda, parte para Londres e se emprega como secretário de Sir William Temple, diplomata e importante membro do Parlamento inglês. (CARTER E MCRAE, 1996).

Após amadurecer intelectualmente entre os livros de Temple em 1692 doutora-se em teologia pela Universidade de Oxford. Com toda sua vivência entre revoluções, conflitos, Swift faz a criação de suas obras literárias embasadas nesses acontecimentos, com inteligência, agressividade contra as indiferenças dentro da sociedade a qual

pertencia. Segundo críticos, era considerado hostilizador e hostilizado, vítima e carrasco, um dos maiores prosadores ingleses e o maior sátiro universal. E uma de suas obras mais famosa é “As Viagens de Gulliver”, publicado em 1726, onde Swift faz críticas profundas de modo geral ao ser humano, à sociedade, política e religião de sua época. (BURGESS, 2003).

O livro é dividido em quatro partes, cada parte é uma viagem que Lemuel Gulliver faz a países imaginários. A primeira viagem é no país de Lilipute, onde fica prisioneiro de pessoas com quinze centímetros de altura, onde todos os objetos e animais também eram minúsculos. Lilipute está em guerra com o país vizinho, por motivos irrelevantes, como por exemplo, a forma correta de se quebrar ovo. Segundo os liliputianos deveria ser quebrado pela parte mais grossa e outros defendiam que devia ser pela parte mais fina.

A segunda viagem é em Brobdingnag, terra dos nativos gigantes, ao contrário de Lilipute, Gulliver torna-se minúsculo, o sistema de governo deles era mais justo.

Na terceira parte viaja para Laputa, uma ilha flutuante onde seus habitantes trajavam-se com roupas de estampas de notas musicais e formas geométricas, pois para eles as únicas coisas que importavam eram a música e a matemática. Em seguida, vai para a ilha de Balnibarbi, onde havia cientistas que faziam estudos e experimentos inúteis, como transformar gelo em pólvora, construir uma casa a partir do teto, entre outros. Logo vai para Glubbubdrig, terra dos mágicos feiticeiros, e depois vai para Luggnagg, terra em que era proibida a mendicância, mas os pobres, mesmo sustentados pelo governo, recebiam uma pensão vergonhosa.

Na quarta e última parte, vai à terra dos houyhnhnms, cavalos. Nessa viagem, Swift faz crítica aos homens, nesse país os cavalos são seres racionais e os humanos são selvagens, os chamados Yahoos. Os houyhnhnms são criaturas que vivem pelo bem estar comum de toda a espécie e que não sabem mentir, e mostram a Gulliver as atrocidades e selvageria que os homens fazem. No final, Gulliver não consegue mais habituar-se à civilização da Inglaterra e prefere ficar com os cavalos a voltar à civilização.

3. A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Muitas linhas de pesquisa têm-se norteado acerca da sociologia literária, na expectativa de buscar explicações que esclareçam possíveis e previsíveis ligações da sociedade com a obra literária. A presente análise teórica direciona-se especificamente ao romance, muitos teóricos se direcionaram a essa linha de pesquisa ao longo dos séculos, porém, ainda há muito a ser estudado e descoberto para garantir respostas mais concisas

sobre o assunto. Abundante são os questionamentos sobre a ligação entre a sociedade e literatura.

Ainda que questionamentos se mantenham, assaz foram os avanços nesse campo de pesquisas, grandes autores como: Georg Lukács (2000), Lucien Goldmann (1967), Antônio Cândido (2006), Marisa Corrêa Silva (2003) entre outros, fizeram descobertas significativas que servem de suporte para a análise de obras literárias. Esses estudos ajudam a desvendar os enigmas contidos nos romances que estão implícitos, através de (artifícios literários) figuras de linguagens, alegorias, carnavalização e etc.

Os recursos literários ajudaram muitos autores a deixarem suas mensagens, suas denúncias e suas críticas, algumas delas não foram compreendidas e até distorcidas, sendo classificadas de forma muito distante de sua real finalidade, um exemplo bem marcante desses equívocos são "As Viagens de Gulliver" de Jonathan Swift objeto de pesquisa, que fora classificado como literatura infantil, quando na realidade é uma forte crítica ao governo da Inglaterra.

Já dizia Lukács (1963), na obra "A teoria do Romance" que 'a forma romanesca é o reflexo de um mundo deslocado' (apud TADIÉ, 1992, p. 164) uma vez que a sociedade não é estática e está em constante movimento, principalmente no século XX, época das revoluções e repressões mundiais, tanto no campo político, religioso, quanto econômico. Tadié (1992) reforça esse pensamento quando usa o trecho de Goldmann (1967) para dizer que: 'O escritor de talento é, no entanto, aquele' que só tem necessidade de exprimir suas intuições e seus sentimentos para dizer, ao mesmo tempo, o que é essencial à sua época e às transformações por que passa' (apud TADIÉ, 1992, p.174). São os avanços e recuos da sociedade que inspiram importantes obras literárias.

A análise crítica tem a tarefa de despertar no leitor a veemência de questionar os valores sociais que fazem parte da sua sociedade juntamente com as crenças, modas, hábitos e costumes, seguidos de forma dogmática, ponderadas verídicas e inquestionáveis passadas de gerações a gerações. Para que a literatura realize sua real função de transmitir conhecimentos através de obras pertinentes e significativas, é preciso que o leitor se questione a respeito das convenções impostas como verdade incondicional de forma reflexiva. É função da análise crítica, desenvolver leitores pensantes e críticos sobre seu universo e as leis que os regem.

O romance, segundo Lukács (2000) é a substituição da epopéia que mostrava um herói harmônico e conformista. O romance narra à trajetória, de um herói problemático que vive em um mundo desarticulado, o herói é o sujeito que assume seus valores pessoais

e por isso teme enfrentar o contexto externo, ou seja, a sociedade que o originou, sendo assim, sente-se incompleto e inadaptado. O romance não retrata a tradicional civilização grega, onde tudo estava pronto, finalizado e o super-homem não envelhecia. Para o referido estudioso o que determina o herói literário é o contexto que o originou. Por isso em "Crítica e sociologia" Candido afirma: "[...] estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem" (2006, p.13).

Para Lukács (2000) o romance apresenta à sociedade leitora um herói individualista que tenta se encaixar num mundo de valores inautênticos e desequilibrado é um ser perdido, desnorteado e abandonado à própria sorte, esse herói não é dotado de bravura e determinação, ele é falho, não se realiza na sociedade e nem fora dela, sendo assim, herda a solidão por companheira.

As tendências direcionadas às análises sociológicas contam com o subsídio do filósofo e sociólogo francês Lucien Goldmann (1967) que no início de suas pesquisas segue a linha de pensamento de Lukács (2000), isso fica evidente quando afirma que: "O romance é a história de uma investigação *degradada* (a que Lukács chama 'demoníaca'), pesquisa de valôres autênticos num mundo também degradado, mas em um nível diversamente adiantado e de modo diferente" (GOLDMANN, 1967, p.8). Em acordo com a citação percebe-se que o romance descreve um herói que perde os valores autênticos, reside em um "mundo novo", que precisa ser reorganizado para se adequar às novas realidades sociais, o herói romanesco moderno não aceita a verdade empírica, nem as respostas prontas.

Goldmann (1967) acredita que o romance é a transposição da sociedade real para a literatura, uma vez que se trata de um ser individualista vivendo em uma sociedade degradada e coisificado, onde os valores autênticos perdem seu significado, e o homem precisa lutar por sua sobrevivência. Diante de tamanho obstáculo representado pelo valor de troca e da comercialização, Goldmann (1967) salienta que:

> De fato, a criação do romance como gênero literário nada tem de surpreendente. A forma extremamente complexa que representa na aparência é aquela em que os homens vivem todos os dias, uma vez que são obrigados a procurar toda a qualidade, todo o valor de uso, de um mundo degradado, pela mediação da quantidade, do valor de troca, e isso numa sociedade onde todo o esforço para se orientar *diretamente* no sentido de valor de uso não teria outro resultado senão engendrar indivíduos também degradados, mas de um modo diferente do indivíduo problemático. (p. 18)

A busca por valores impossíveis transforma o homem moderno, e o individualismo o leva de encontro à solidão, ao sofrimento e o deslocamento da sociedade que não o satisfaz. Ele precisa sair em busca de sua realização, com a ressalva de que ele é um ser errante vivendo em um mundo degradado pela perda dos valores autênticos. O mencionado é um sofredor por não consegue se incluir na sociedade em que vive.

A forte característica do romance moderno é a narrativa direcionada não mais ao coletivo e sim ao individualismo. O herói não luta em prol da sociedade, mas trava uma guerra consigo mesmo, pela realização do próprio ego, o herói de "As Viagens de Gulliver" de Jonathan Swift, cria países imaginários e nem assim consegue sua alta realização, suas viagens sempre os trouxeram de volta a terra natal, ou seja, ao seu mundo degradado.

Também trabalha essa mesma linha de raciocínio a autora Marisa Corrêa Silva (2003) que tenta dar uma definição para o que seja *crítica sociológica*: "aquela que procura ver o fenômeno da literatura como parte de um contexto maior: uma sociedade, uma cultura" (SILVA, 2003, p.123). Ao analisarmos um texto buscando seus vínculos com o social, é preciso levar em consideração vários aspectos que constituem a obra, e muitas vezes buscamos no autor alguma pista, porém a bibliografia deste não é considerada tão importante para a crítica literária, isso fica nítido quando diz que:

> [...] a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade da "inspiração" do artista. Ela é criada dentro de um contexto numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. (SILVA, 2003, p. 123)

A partir da citação percebe-se que é possível descobrir a história de uma sociedade atendo-se às informações explícitas e implícitas no texto, como eram regidas através das leis estabelecidas, sem se deter a vida do autor. Essas acepções são de caráter da crítica literária que não se limita à superfície da forma e da estrutura textual como a tendência sociológica e a histórica.

Mais uma vez a tendência literária de Silva (2003) vem concordar com a de Candido (2006), reafirmando que a crítica literária tem o propósito de levar o leitor a uma reflexão sobre a sociedade a qual pertence, os avanços e retrocessos vivenciados pela sociedade, e como se deram essas mudanças, sabendo que a sociedade não é estática e que novas mudanças são inevitáveis. Enfim, o leitor é conduzido a refletir sobre seu valor social, seus estilos, seus desígnios e influências, através de pensamentos e posicionamentos críticos.

Outro autor que realiza pesquisas pertinentes as análises no campo da literatura é Bakhtin (apud SILVA, 2003) que conceituou a carnavalização. A carnavalização é uma convergência que mostrar o texto construído às avessas, ou seja, inverte o sentido da ordem, porém mantém seu significado. Tudo que se enuncia na obra literária e foge às normalidades diárias da vivência social é considerado carnavalização, nem sempre essas anormalidades são grandiosas, às vezes são sutis, e estão presente no cotidiano da humanidade. Afinal, tudo que está em desacordo com nosso comportamento, pensamento e ação, que aparece de forma inversa ao mundo real é considerado por Bakhtin carnavalização.

Um exemplo muito intenso de carnavalização é a obra de Switf, "As Viagens de Gulliver", objeto de estudo e análise deste artigo. Nessa obra a sociedade inglesa é representada de formas díspares da realidade, como os seres diminutos os gigantes e os cavalos racionais. Graças a esse recurso literário se está fazendo uma analogia da obra com os problemas sociais vividos pelos ingleses no século XVIII, a obra analisada é rica de recursos literários que servem de instrumentos para denúncias sociais.

Em seguimento às tendências de Bakhtin, Silva (2003), faz referências aos cronótopos, que são relações artísticas literárias, que servem para demarcar o tempo e o espaço da obra. Em consenso ao pensamento de Bakhtin, Silva (2003) cita que: "Bakhtin também tratou do conceito de *cronótipo,* que seria, por um lado, 'a conectividade intrínseca das relações espaciais e temporais que são expressas artisticamente na literatura' (HOLQUIST, 1991, p. 109, apud SILVA, 2003, p. 129)". A idéia do cronótopo é que, na literatura, não se pode criar um tempo sem criar um espaço simultaneamente e vice-versa.

Silva menciona: "[...] Percebe-se, portanto, que o conceito de cronótopo é útil, pois permite enxergar o quanto, tempo e espaços estão presentes no texto literário" (2003, p. 130). Conclui-se que cronótopo é mais um recurso utilizado pelas disposições da literatura e sociedade na tentativa de desvendar os enigmas contidos na arte literária.

De acordo com a "Literatura e Sociedade" de Candido (2006), muitas tendências têm dedicado esforços na expectativa de esclarecer as ocultações contidas nas obras literárias, sejam elas históricas, sociais, educativas, religiosas, entre outras. Todas as acomodações têm sua parcela de contribuição, mas, para Candido (2006) a crítica sociológica explicita melhor as mensagens implícitas em cada obra, por ser uma disposição direcionada às análises por meio de interpretações e associações do texto e contexto da obra:

> Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos estender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explica pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2006, p.13-14)

A sociedade é um norteador ao escritor, não pelas estruturas, costumes ou crenças, mas pelos avanços e retrocessos de determinado grupo social, sua época, seus anseios, suas perspectivas, idealizações e desejos.

A análise crítica, segundo Candido (2006), precisa ser aprofundada e ir além das demais disposições para garantir melhor veracidades às descobertas, por isso ele diz que: "A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel" (CANDIDO, 2006, p.15). A obra é a junção de fatores externos que a compõe, por isso o amplo campo que se dedicam ou se dedicaram a analisá-las não devem ser desconsiderados, pois servem de ganchos que ancoram conhecimentos múltiplos na expectativa de esclarecer o extenso universo da arte literária.

No pensamento de Candido (2006) a crítica se separa incontestavelmente quando sai: "[...] dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente social como fator de arte. [...] O *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica" (CANDIDO, 2006, p.16). A convergência se encarrega de unir os fatores externo e interno, estabelecendo a obra dotada de disparidades um todo de forma coesa e significativa.

Por mais que a crítica literária precise se dissipar de outras tendências, Candido (2006) salienta que é importante essa parceria no campo da pesquisa social e histórica, é analisando o passado que se compreende o presente e se planeia o futuro, por isso é pertinente esclarecer que todas as linhas de pensamentos, sejam: sociológicas, filosóficas e históricas, contribuem de alguma forma com a crítica, mas, são importantes certos cuidados:

> De qualquer modo, convém evitar novos dogmatismos, lembrando sempre que a crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, — frequentemente com finalidade não literária. (CANDIDO, 2006, p.17)

Fatores que são de grande importância para outras disposições podem ser insignificantes para a crítica que trabalha com fatores implícitos, com predominância voltada para a interpretação dos recursos utilizados pela literatura para transformar a obra em arte. Os recursos literários podem deformar a realidade, mas não anulam seu significado que servem para dar mais expressividade à arte literária. Candido destaca que:

> Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. (2006, p.22)

Em consonância a Candido (2006), a obra literária precisa ser investigada e interpretada, não basta conferir sua estrutura, seus traços, sua organização e expressividade, é preciso adentrar, fundir texto e contexto, através das mensagens implícitas e das movimentações do tempo e espaço que não estão expostos na obra.

Além de Silva (2003), Candido (2006) também faz referências a Lukács e a Goldmann, para observar que suas tendências são voltadas mais para o campo da análise histórica e sociológica que: "[...] não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos" (CANDIDO, 2006, p. 28). Em relação ao grande número de fatos dessa natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação crítica.

Para uma análise literária mais completa, Candido (2006), salienta que é preciso atentar-se aos elementos estruturais que compõem o significado da obra, através do desenrolar das ações dos personagens. Os elementos sociais podem evidenciar-se de acordo com os avanços e recuos da trama, ou seja, os elementos estruturais fazem-se presentes no desenrolar da narrativa de modo a mostrar como certos valores sociais estão impregnados nela:

> Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO; 2006, P.15-16)

De acordo com a citação, compreende-se que os elementos estruturais são mais pertinentes que os próprios traços sociais explícitos e implícitos na obra, por isso é preciso uma análise minuciosa para poder aferir à obra um significado mais eficaz. É preciso

interpretar a fundo cada traço das estruturas e aferir a elas um sentido de veracidade que se encontra oculto nos paradoxos das exposições artísticas.

As tendências analisadas são de grande importância para a análise e compreensão do valor de obras escritas há décadas e que se mantém contemporâneas, e agora nós as utilizaremos para dar suporte à análise de "As Viagens de Gulliver" de Jonathan Swift, obra clássica que descreve as desigualdades sociais inglesas no século XVIII, através de metáforas, sátiras, ironias, etc.

4. VIAGEM À LILIPUTE E SUAS RESPECTIVAS DENÚNCIAS SOCIAIS

Faz-se uma análise da obra "As Viagens de Gulliver", focalizando a crítica às denúncias sociais nos campos da política e da religião, embasada nas tendências de Candido (2006) e Silva (2003) e outros. A finalidade será enfatizar a primeira viagem de Gulliver à Lilipute (país de seres diminutos) e Brobdingnag (país dos gigantes).

Tudo em "As Viagens de Gulliver" parece absurdo, como imaginar Gulliver aprisionado por liliputianos que mediam apenas 15 centímetros de altura, sendo que "[...] poderia facilmente libertar-se: respeito aos habitantes, sobejavam-me razões para crer que eu seria adversário bastante ao maior exército que pudessem lançar contra mim, a serem todos do mesmo tamanho daquele que eu vira" (SWIFT, 1994, p. 20)?

A prisão de Gulliver feita pelos pequeninos liliputianos representa a passividade da sociedade diante do reinado da Inglaterra, pois o narrador fica sobre o comando do príncipe de Lilipute que poderia ser esmagado a qualquer momento pelo prisioneiro gigante. Neste sentido, a obra salienta que esta sociedade representada pelo homem-montanha metaforicamente significa a grande maioria dos ingleses que desconhece seu potencial e aceita a dominação, ficando submisso ao clero e à nobreza que são minoria, mas detém o poder de persuasão, simbolizado pelos liliputianos.

Na presente viagem Gulliver mostra como é feita a organização social dos liliputianos, e seus sistemas de disputas para ocupação de órgãos públicos, em que a seleção era feita com saltos diante do rei e da rainha.

> [...] Quis um dia o imperador distrair-me com alguns espetáculos do país, em que este sobrelevava todas as nações que conheci, assim pela destreza como pela magnificência. Mas nenhum me divertiu tanto como o dos volatins, que dançavam sobre um fio branco muito fino [...]. Essa diversão é tão somente praticada pelos candidatos a grandes empregos e altos favores da corte. (SWIFT, 1994, p. 33)

Para Gulliver tudo parecia normal, porém essa seleção feita sem critérios fundamentais representa o contexto vivido pelo autor relacionado pela política e religião da Grã-Bretanha. Tais critérios eram feitos através da hierarquização da nobreza ou clerical. Quem não se incluía nestes conceitos somente poderia obter poder através de conquistas e vitórias gloriosas em nome da coroa. Assim sendo, a obra ressalta as acrobacias dos liliputianos em cordas finas para conseguir atenção do príncipe e da rainha que se divertiam bastante com suas atuações, sendo que os melhores eram nomeados a cargos públicos e de confiança da coroa.

Assim, ao expor os critérios do príncipe de Lilipute na escolha dos seus servos do mais elevado até o de menor importância, a obra busca uma reflexão sobre a organização social e os critérios que a define; colocando em destaque a corte de seu tempo, que possuía critérios duvidosos na escolha de seus representantes da lei. O romance retrata o uso do conceito de carnavalização nitidamente em todas as passagens da viagem analisada, enfocada na denúncia dos acontecimentos políticos e religiosos de forma avessa da fidedigna, através de seres diminutos cujos saltos e acrobacias é que tem valor, e não outros critérios mais comumente aceitos, como a capacidade administrativa, por exemplo.

Os liliputianos viviam há muito tempo em constantes guerras internas e externas. A esse respeito comentou o secretário principal: “[...] por mais florescente que possa parecer aos estranhos a situação em que nos encontramos, pesam sobre nós dois grandes males: uma violenta discórdia interna e o perigo de uma invasão por parte de poderosíssimo inimigo externo”. (SWIFT, 1994, p. 41)

Reportando ao século XVIII, a Inglaterra passava por várias crises políticas e religiosas. Foi o período das guerras e da Revolução Inglesa composta por duas revoluções: Revolução Puritana e a Revolução Gloriosa e em conseqüências dessas revoluções ocorreu a Revolução Industrial. Com o suporte das tendências literárias, é possível pressupor que Swift descreveu minuciosamente os horrores vividos pela sociedade no período de repressão política e religiosa na Inglaterra, induzindo seus leitores a refletirem sobre a sociedade e sua conjuntura. Lilipute dispõem de dois partidos adversários citados pelo secretário principal em conversa com Gulliver:

> [...] Em quanto à primeira, deveis saber que há mais de setenta luas tem havido neste império dois partidos adversários, sob os nomes de Tramecksan e Slamecksan. Assim a política era organizada em dois partidos políticos os dos saltos altos (Tramecksan) e os saltos baixos (Slamecksan) ambos disputavam o poder da coroa. (SWITF, 1994, p. 41)

Esse fato apresentado na obra conduz o leitor a se questionar sobre a política daquela época e o interesse dos partidos, relacionados aos fundamentos de governo. Em Lilipute as crenças eram conservadoras, seguidas pelos súditos de forma dogmática para não trair seus preceitos de modo que defendiam através de guerras sua posição. Neste sentido convém fazer referência ao fragmento seguinte:

> Duas grandes potências que, como eu dizer-vos, ando empenhados há mais de 36 luas, numa guerra encarniçadíssima, cujo móvel foi o seguinte: reconhece-se universalmente que a maneira primitiva de quebrar os ovos para comê-los consistia em quebrá-los pela ponta mais grossa; mas ao avô de Sua Majestade, quando menino, numa ocasião em que se dispunha a comer um ovo e quebrá-lo consoante ao hábito antigo,sucedeu-lhe cortar um dedo; pelo que o imperador seu pai saiu com o edito em que ordenava a todos os seus súditos, sob grande penalidade, quebrar os seus ovos pela ponta mais fina.(SWIFT, 1994, p. 41-42)

Este decreto foi motivo de discórdia entre o imperador e seus súditos, isto foi considerado inaceitável pelos Liliputianos, gerando a execução de milhares de habitantes que não se submeteram ao decreto ordenado pelo imperador. Mais uma vez a obra denuncia os problemas sociais da época, essa passagem representa a perseguição sofrida pelas pessoas devido à repressão religiosa. A Inglaterra consolida a Igreja Anglicana juntamente com o estado, com essa consolidação declara guerra política e religiosa e a mais afetada é a Irlanda por ser predominantemente católica. Surgem, nesse momento os dois partidos políticos ingleses já citados anteriormente, chamados *tories e whig*.

"As Viagens de Gulliver" sugere ao leitor uma reflexão sobre as crenças que comandam a sociedade, seja por imposição ou cerceamento da liberdade de expressão, pois mesmo hoje muitos são coagidos a seguir determinadas religiões por imposições sociais. Nestes termos, o apanhado histórico, como diz Candido (2006), ajuda a entender o que vem propalar com o auxílio da ficção e da metáfora os partidos adversários na Inglaterra através dos Liliputianos.

É proveitoso salientar que a Irlanda foi o país que abriu as portas para receber os exilados perseguidos pelas repressões políticas e religiosas, impostas pelo poder dominante da Inglaterra. Numa passagem d nosso romance há referências a esse episódio, quando mostra que Blufescu (país vizinho a Lilipute com o qual vive em constantes guerras por motivos inúteis) recebia os súditos liliputianos refugiados das repressões. O primeiro secretário informa o viajante que:

> No decurso desses tumultos, queixaram-se amiudadas vezes os imperadores de Blefuscu, por intermédio dos seus embaixadores, de estarmos provocando uma cisma religiosa, contrariando uma doutrina fundamental do nosso grande

> profeta Lustrog, no qüinquagésimo quarto capítulo do Blundecral (que é o Alcorão deles). [...] Ora, os exilados ponta-grossenses lograram tamanho crédito na corte do imperador de Blefuscu, e tanto auxílio e estímulo do seu partido secreto daqui, que se vem travando uma guerra sanguinolenta entre os dois impérios há 36 luas. [...] (SWIFT, 1994, p. 42)

Blefuscu é perseguido por prestar auxílio aos exilados de Lilipute, essa é mais uma analogia da obra com a realidade inglesa. Embora o autor fizesse parte da classe alta irlandesa, não se omitiu em escrever suas denúncias sociais, fazendo uso simbólico com muito talento e sem levantar suspeitas dos dirigentes de sua época, e só mais tarde com o auxílio dos críticos literários é que se desvendaram todas as mensagens implícitas por trás da estrutura e nas entrelinhas do texto, desvendados pelo minucioso trabalho de análises e reflexões críticas.

Então, essa situação proporcionou a Blefuscu uma posição complicada, pois de acordo com a trama "[...] qualquer comércio entre os dois impérios fora rigorosamente proibido durante a guerra, sob pena de morte, tendo sido decretado pelo imperador o embargo de todos os navios, sem distinção." (SWIFT, 1994, p.43). Conseqüentemente, no contexto do autor, o exílio reporta à situação da Irlanda, país predominantemente católico que sofrera sanções diplomáticas por aceitar os exilados e que, por conseguinte teve restrição na compra e na venda de produtos não perecíveis com os ingleses, ocorrendo assim uma grande crise diplomática e social.

Ao refugiar-se em Blesfucu, Gulliver sente–se bem acolhido e respeitado, o que proporcionou seu contentamento e sua permanência, embora já soubesse que seria punido severamente em Lilipute. Nestas considerações o enviado de Lilipute afirma: "[...] para o fim de manter a paz e a amizade entre os dois impérios esperava o imperador que o seu irmão de Blefuscu ordenasse a minha devolução a Lilipute com os pés e as mãos amarradas para ser castigado como traidor" (SWIFT, 1994, p.66) Assim, com o auxílio dos cidadãos de Blefuscu, ele consegue retornar à sua terra natal.

> Essas considerações levaram-me a apressar a partida algo mais do que eu tencionava; ao que a corte, impaciente por me ver pelas costas, prontamente contribuiu. Empregaram-se quinhentos trabalhadores para me fazerem duas velas para o bote, segundo minhas instruções dobraram três vezes o tecido mais forte que encontraram [...] afadiguei-me incrivelmente em cortar algumas das arvores maiores de construção para dela fazer remos e mastros, no que fui, todavia, muito auxiliado pelos construtores de Sua Majestade, que me ajudaram a lavrá-las, depois de ter eu o serviço mais pesado. (SWIFT, 1994, p.67)

Em virtude dos fatos mencionados, podemos salientar que Gulliver fora bem aceito, mas com a imposição do império vizinho, Blefuscu, para evitar uma nova guerra,

providencia com a máxima urgência a fuga do exilado, com intuito de não entregá-lo a sua punição de traidor, tampouco sua permanência em seu país. Neste sentido sua fuga foi boa tanto para os Liliputianos que iriam punir alguém que foi proveitoso para sua nação, como para o povo de Blefuscu que, posteriormente, economizaria recursos para a sobrevivência do mesmo e para o próprio Gulliver que tem a possibilidade de retornar à sua terra de origem.

É importante salientar que a fuga de Gulliver, representa a fuga de Carlos II para a França, o parlamento ofereceu uma valiosa recompensa pela captura do rei e impôs pena de morte a quem o auxiliasse, também podemos nos reportar ao exilamento do rei Jaime II a Irlanda depois da posse do holandês Guilherme de Orange apoiado pelo parlamentarismo, mas, com poder limitado, as principais decisões eram tomadas pelo parlamento que dividiam tarefas entre si, com o triunfo da Revolução Gloriosa o reinado perde o poder absolutista, porém, Guilherme Orange não facilita a vida dos católicos irlandeses, ainda assim, a sociedade inglesa dá os primeiros passos em direção a luta por melhores condições de vida, dentre elas estão a revoluções inglesa, industrial e gloriosa.

Sendo assim, a viagem a Lilipute traz em seu bojo situações vividas no contexto da trama e na contemporaneidade que evidenciam a exploração dos oprimidos pelos opressores, situação vivenciada pelos liliputianos e pelos ingleses; e principalmente a falta de coragem para ostentar um grande problema que ninguém quer assumir.

5. VIAGENS A BROBDINGNAG E SUAS GIGANTESCAS DENÚNCIAS SOCIAIS

Depois de o viajante Gulliver ter ficado conhecido por “Homem Montanha” na Ilha de Lilipute, passa a ser conhecido na Ilha de Brobdingnag como um inseto diminuto e insignificante. Isso evidencia a variação nas emoções sentidas por nosso herói: ora possui um ar de superioridade ora de inferioridade, de acordo com o local visitado, mostrando, neste caso, um herói pessimista que busca a todo custo encontrar um lugar perfeito em determinado tempo e espaço para sua alta realização.

A crítica social, temática de análise do presente trabalho, vem evidenciar que a sociedade de Brobdingnag, apesar de julgar suas políticas justas, tem suas classes sociais muito bem divididas entre superiores e inferiores, comandantes e comandados, bem como na Inglaterra no século XVIII, como se nota na passagem abaixo, que explicita a diferenciação das classes:

> Acercaram-se incontinente sete monstros iguais a ele, com uma foice na mão, senda cada foice mais ou menos do tamanho de seis gadanhas. Estes últimos não estavam tão bem vestidos como o primeiro, e pareciam ser criados ou trabalhadores seus; pois, a algumas palavras suas, foram segar o trigo no campo em que eu me encontrava. (SWIFT, 1994, p. 75)

A primeira impressão do viajante deixa-o perplexo com o tamanho dos habitantes, e a diferença das classes já se manifesta, Gulliver retrata que o país é composto por monstros gigantescos que prestam serviços e reverências aos senhores dirigentes. O herói foi aprisionado pelos gigantes, os papéis se invertem e o que foi montanha na Ilha de Lilipute vira inseto inofensivo na Ilha de Brobdingnag. Em acordo com as análises críticas que destacam a ironia e a carnavalização como recursos literários, em "As Viagens de Gulliver" isso se evidencia claramente com o tamanho dos brobdingnagueses, pois que demonstra a distância da desejada organização social da Inglaterra e a aparência de superioridade daquelas pessoas que se julgam donas da situação devido ao poder e a situação econômica, é isto que os faz serem vistos como gigantes inatingíveis. Podemos também interpretar o viajante Gulliver e os brobdingnagueses como os contrastes entre as classes sociais inglesas denunciadas por Swift na referida obra. A estatura gigante dos habitantes deixa o narrador em estado de pânico e horrorizado, e diz:

> Lamentei a minha viúva e néscia teimosia, tentando segunda viagem contra o conselho de todos os amigos e parentes. Nessa terrível agitação de espírito não pude menos de pensar em Lilipute, cujos habitantes me consideravam o maior dos prodígios que já tinham aparecido no mundo [...] Refleti na mortificação que seria para parecer tão insignificante neste país quanto o haveria de parecer um liliputiano entre nós. (SWIFT, 1994, p. 76)

O embate entre os poderes na Inglaterra eram tão manifestos quanto Gulliver e os brobdingnagueses, a pequenez de Gulliver nos direciona a interpretá-la como a mesquinhez das leis políticas que eram criadas para massacrar a sociedade da mesma forma que o herói pensava ser oprimido na ilha em que se encontrava.

A aparente submissão do prisioneiro representa a passividade, a fragilidade e a desarmada sociedade inglesa que se permite aprisionar por desconhecer o grandioso poder que uma sociedade disponibiliza ao se manter unida e disposta a lutar por melhores condições de vida e liberdade de expressão. Por mais que o povo tenha gritado como Gulliver para não ser esmagado, não foi o suficiente para ser ouvido e receber pedido de socorro, outros gritos ficaram engasgados na garganta de tantos ingleses e irlandeses o século XVIII diante de tamanha repressão política e religiosa.

Se Swift utilizou os meios literários para desmascarar as politicagens na Grã-Bretanha, esse foi seu grito de socorro, em prol de tantos cidadãos reprimidos sem voz e

sem vez. Os recursos literários servem para mostrar que Jonathan Swift, também refreou sua exclamação. Mas Candido (2006), Silva (2003), Lukacs (1963), Goldmann (1967), entre outros, se debruçaram sobre obras clássicas para tentar entender os recursos literários das mesmas que trazem em seu bojo mensagens significativas e pertinentes na reconstrução de determinado grupo ou classe social em tempos, espaços e contextos diversificados, vivenciados por pessoas em viagens reais.

A escravidão é uma temática muito frequente na obra analisada, que em variadas passagens fica explícita nas narrativas de Gulliver, a primeira delas é no momento de sua prisão, quando ele chega à casa do lavrador, e se torna escravo nas mãos de seu amo:

> Tendo o lavrador (segundo depreendi da sua conversação) ouvido do criado a descrição que este pôde fazer-lhe de mim (...) levantou-me com ela as abas do casaco; pareceu imaginar fosse uma sorte de descoberta que me destina a natureza. (SWIFT, 1994, p. 77)

Além deste trecho que demonstra como Gulliver estava à mercê de seu "senhor", vemos também que a escravidão parece no momento em que a família de lavradores, ao alimentar o filho mais novo que se encontrava faminto é a ama de leite quem o acalma: "(...) dando-lhe de mamar" (SWIFT, 1994, p. 79). Gulliver ao ser questionado se gostaria de viver na corte, faz reverência à rainha: "(...) Inclinei-me até a superfície da mesa, e humilde, redarqüi que eu era escravo de meu amo; mas que, se isso dependesse de mim, ser-me-ia motivo de orgulho dedicar a vida ao serviço de Sua Majestade" (SWIFT, 1994, p. 89). As citações relacionadas à escravidão, o comodismo dos escravizados, em particular do viajante, representa a passividade das classes subordinadas, também o próprio Swift que, mesmo discordando das crueldades dos governantes, não deixa de prestar favores aos aludidos fazendo parte da sua organização da classe superior.

Os obstáculos vivenciados pelo herói problemático representam os tormentos presenciados e sentidos na própria pele pelos ingleses, devidas às repressões e sanções governamentais e religiosas no século XVIII nas Ilhas Britânicas, os católicos foram os mais perseguidos, devido à predominância da Igreja Anglicana na Inglaterra.

Muitos foram os perigos de morte enfrentados por Gulliver, ele precisou batalhar de variadas forma para sobreviver em um país destinado à sobrevivência somente dos grandes e fortes. Estes grandes e fortes são metáforas dos poderosos que venceram guerras à custa do derramamento de sangue de pessoas ordenadas para tal missão. Entre tantos combates, vencer dois ratos foi apenas um duelo do diminuto narrador para sobreviver na terra de gigantes. Enquanto tentava descansar:

> [...] treparam dois ratos pela cortina e deram de percorrer-me a cama, de um lado para o outro, farejando. [...] Os horríveis animais tiveram a ousadia de acometer-me por ambos os lados e um deles chegou a alcançar-me o pescoço com a para dianteira; tive, porém a boa fortuna de abrir-lhe a barriga antes que pudesse causar-me algum mal. (SWIFT, 1994, p. 80-81)

Outras batalhas também foram vencidas por Gulliver. Cada animal derrotado pelo herói simula as vitórias de uma sociedade que não deixa de acreditar que os monstros, por maiores e mais ferozes que pareçam, podem ser vencidos, mesmo que para isso sangue seja derramado. Quantos ratos tiveram que morrer para a sociedade inglesa pudesse se reerguer aliviada e digna, diante da tirania e da autocracia de um pequeno grupo? Metaforicamente os ratos representam os poderosos que acreditavam deter o poder da situação. Gulliver não perde a esperança de ser libertado, por mais remota que essa liberdade possa parecer. O rei de Brobdingnag despreza a Europa da mesma forma que os governantes desprezam a população menos favorecida, são nítidas as ironias e as metáforas presentes em cada trecho do referido romance.

Ironicamente Gulliver exalta seu país, e descreve-o da melhor forma possível ao rei de Brobdingnag, com o objetivo de adquirir respeito e consideração do príncipe, pois não suportava mais ser tratado como um animal insignificante. Ele desejava provar que seu país também tinha qualidades. Então começa sua narrativa pelo sistema de governo, mais precisamente pela:

> (...) constituição de um Parlamento inglês; composto, em parte, de um corpo ilustre, chamado a Câmara dos Pares; pessoas de ilustríssimo sangue e senhores dos patrimônios mais antigos e mais amplos. Falei do cuidado extraordinário que sempre se lhes dispensava à educação nas artes e nas armas, que os capacitava para serem conselheiros a um tempo do rei e do reino; para participarem da legislação; para serem membros da mais alta corte judiciária, da qual não há recurso; e para serem campeões sempre dispostos a defenderem o rei e o país, com o seu valor, procedimento e fidelidade. Que eram eles o ornamento e sustentáculo do reino, dignos descendentes dos seus famosíssimos antepassados, cuja honra fora o prêmio da sua virtude, da qual nunca se soubera degenerada a posteridade. (SWIFT, 1994, p. 111)

É notório que a presença da ironia é bem perceptível nesta passagem, pois, segundo pesquisa sobre a vida de Swift, sempre se dedicou a satirizar o sistema de governo inglês, o mesmo, revela sua antipatia por meio das sátiras escritas antes de “As Viagens de Gulliver”, que denunciava às truculências governamentais, os abusos de poder, a vaidade e tenacidade da uma sociedade arraigada a valores “medíocres”.

A carnavalização citada por Bakhtin e reforçada por Silva (2003) se evidencia no trecho através das informações avessas às da realidade da Inglaterra. A religião também teve seu lugar de destaque nas críticas da obra. Assessorado pelos recursos literários

ficcionais, Gulliver continua a descrever a organização política de seu país, dessa vez adentrando ao sistema religioso que se encontra atrelado ao político, apresenta ao rei o parlamento da Câmara dos Pares formado pelos poderosos ilustres: "(...) A ele reuniram-se várias pessoas santas, como parte dessa mesma assembléia e dos que nela instruem o povo" (SWIFT, 1994, p. 111-112).

De acordo com o contexto histórico a Inglaterra, passava por momentos de grandes disputas política e religiosa interna e externa, financiavam-se guerras e cultivavam perseguições a sociedade por categoria social e opção religiosa, uma vez que as "pessoas santas" aliaram ao partido político liderado pelos poderosos ingleses. É perceptível a sátira na presente passava como imaginar pessoas que seriam destinadas a acolher o povo sofrido e massacrado, uma vez que, prestavam reverencias aos massacradores.

Outro grupo político é apresentado ao rei brobdingnaguese também de forma exaltada pelo narrador que acredita estar deixando o rei maravilhado, e a outra parte do parlamento era representada pela assembléia da Câmara dos Comuns, formados por:

> [...] todos cavalheiros importantes, livremente escolhidos e eleitos pelo próprio povo, por seus grandes talentos e amor a pátria, a fim de representar a sabedoria da nação. E que esses dois corpos constituíam a mais augusta assembléia da Europa, que, de parceria com o príncipe, enfeixavam todo o poder legislativo. (SWIFT, 1994, p. 111-112)

O poder de governo na Inglaterra foi consolidado com a junção dos partidos políticos e a igreja Anglicana que fortificou o Estado, as classes sociais eram muito bem demarcadas entre os poderosos comandantes e a classe dos comandados, mais uma vez a ironia se manifesta no presente romance: como imaginar uma eleição democrática em um país comandado a mãos de ferro, que perseguiam e puniam seus súditos por razões inadmissíveis e medíocres.

Só embasado no recurso da carnavalização é possível desvendar o verdadeiro significado da citação acima, pois a mesma é descrita como o avesso da realidade vivida por Swift em um país que guerreava por razões irrelevantes. As guerras foram retratadas com bastante veemência, como orgulho patriótico. O narrador finaliza seus relatos dizendo: "[...] E concluí com breve relato histórico dos assuntos e sucessos da Inglaterra durante os últimos cem anos, mais ou menos" (SWIFT, 1994, p. 112). Gulliver refere-se ao rei brobdingnagues como sendo um completo ignorante, por viver isolado das "civilizações", porém o rei revela-se um verdadeiro erudito ao interpretar as organizações do sistema de governo inglês.

Tomando a palavra o rei retruca todos os sistemas de governo da Inglaterra, se escandaliza com todas as barbaridades e desrespeito com a população que viver a mercê das normas de gerência de um grupo que mascarra a situação real, para vender uma imagem defasada e desonesta, Sua Majestade convence-se que o país de Gulliver não lhe serve de exemplo:

> [...] ao passo que o resto foi inteiramente obliterado e borrado pela corrupção. Não transparece em quanto dissestes que se exija uma única perfeição para que alguém atinja uma posição qualquer entre vós; e muito menos que os homens sejam enobrecidos em razão da sua virtude; [...] Mas, pelo que depreendi do vosso próprio relato e das respostas que tão penosamente arranquei e extraí de vós, não posso menos que concluir que a grande maioria dos vossos semelhantes é representação pela mais perniciosa raça de pequenos e odiosos insetos que a natureza já permitiu rastejassem na superfície da Terra. (SWIFT, 1994, p. 115)

Em consonância com as tendências do referencial teórico, do contexto histórico e vida do autor, é possível salientar que a obra revela as considerações do rei como denúncias a todas as ferocidades imposta pelo poderio da Inglaterra. Essas exposições desmascaram sem dó e nem compaixão todos os desvios de caráter de um pequeno grupo que usou o poder que detinha para maltratar, espezinhar, esmagar a aniquilar os cidadãos que almejavam liberdade. Percebe-se também que o tamanho diminuto de Gulliver simboliza a pequenez do sistema político e religioso da Inglaterra no Século XVIII.

A primeira e segunda viagem de Gulliver representa o contraste vivenciado pela sociedade inglesa, os liliputianos eram seres diminutos de apenas 15 centímetros e simbolizavam a sociedade passividade, comodismo e tolerância. Gulliver ficou conhecido como o “Homem-Montanha” que representa o poder autocrata aparentemente invencível, despertava medo, desespero, gastos excessivos e um grave problema a ser resolvido o narrador é um problema grave para Lilipute e Blefuscu devido ao grandioso tamanho, da mesma forma que o sistema de governo na Inglaterra era a para a sociedade inglesa.

Em contrapartida Gulliver em Brobdinagang é considerado um inseto insignificante que não oferece nenhum perigo, aos habitantes do referido país que são descrito pelo narrador, como gigantes, os significados na obra se invertem, a pequenez do aludido simboliza a mesquinhez do governo inglês, os homens gigantes o poder de persuasão que as autoridades autocráticas exercem sobre seus súditos, os governantes que creditavam serem invencíveis por conter status sociais, econômico, e político “superiores” aos da maioria dos cidadãos ingleses.

Enquanto na primeira viagem país de diminutos, Gulliver é referido como Homem-Montanha, e simboliza o grande poder da coroa inglesa, na segunda a Brobdinagang, torna-se um ser pequenino e insignificante, da mesma forma que o sistema de governo é medíocre, injusto e mesquinho diante das políticas públicas do rei brobdingnaguês.

O narrador de "As Viagens de Gulliver" além de descrever as atrocidades do sistema de governo da Inglaterra, citados no referencial teórico e denúncias sociais, destaca também o "herói" moderno, um ser deslocado em um mundo degradado, que por não se encaixar em seu meio social, viaja a países imaginários na expectativa de se adaptar a novos mundos e novas sociedades.

Enfim "As viagens de Gulliver" não foram muito bem sucedidas ao narrador, afinal ele sempre retorna a sua terra natal, depois de uma temporada infeliz e sofrida por não conseguir se incluir as novas sociedades descobertas em suas aventuras marítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os países imaginários narrados por Gulliver são um meio de Swift fazer denúncias sociais vivenciadas por ele no século XVIII na Inglaterra. Os recursos utilizados pelo autor como: ironia, alegoria, metáfora, sátira, carnavalização entre outros, servem para denunciar as atrocidades imposta pelo sistema político da Inglaterra à sociedade e países vizinhos. As revelações implícitas convocam o leitor a direcionar-se a uma análise crítica, para refletir e interpretar o que não está explícito na estrutura da obra, mas, através do contexto e da interpretação é possível detectar seu verdadeiro significado. Lembramos que, segundo Candido (2006), os recursos literários ocultam os subsídios sem anular sua acepção.

As maiores críticas com forte grau de ironia e sátira se concentram na política e na religião. Uma vez que a sociedade influencia a obra e vice-versa, como já foi citado na introdução, "As Viagens de Gulliver" são narrativas de quatro viagens a países imaginários que denunciam as arbitrariedades, mediocridades, hipocrisias, atrocidades, etc., das classes sociais inglesas da época de publicação, especificamente no campo da política e da religião, também citado anteriormente. Os temas da mencionada obra referem-se ao século XVIII, porém, não deixam de serem contemporâneos à Inglaterra e outros países.

As temáticas divulgadas na citada obra provavelmente se manterão contemporâneas às futuras gerações, por serem complexas e partidárias e fazerem parte da vida de todo cidadão, independente de seu desejo, vontade ou nacionalidade.

Concluímos que os pequeninos liliputianos representam a omissão e a passividade da sociedade inglesa, e que no mundo dos brobdgnagueses o homem gigante representa o poder da sociedade enquanto Gulliver (inseto insignificante) a mediocridade de governantes que guerreavam a custa do sangue de inocentes predestinado para tal função.

Somente com o auxílio das tendências de pesquisas e análises de Silva (2003), Candido (2006), e outros críticos é que podemos refletir e interpretar melhor as críticas implícitas nas obras literárias como é o caso da obra aqui analisada. Portanto, "As Viagens de Gulliver" se mostram como uma completa metáfora, sátira e ironia às organizações sociais inglesas do século XVIII.

REFERÊNCIAS

BURGESS, Anthony. **A literatura Inglesa**. 2 ª Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª Ed. Rio de Janeiro**:** Ouro sobre Azul, 2006.

CARTER, Ronald; MCRAE, John. **The Penguin Guide to English Literature:** Britain and Ireland. London: Penguin, 1996.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do Romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance.** Trad. José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Duas cidades: 2000.

MAUROIS, André. **História da Inglaterra**. Trad. Carlos Domingues. Rio de Janeiro: Irmãos Pongentti editores, 1959.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária:** Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

SWIFT, Jonathan. **As Viagens de Gulliver**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Victor Civita,1994 .

TADIÉ, Jean Yes. **A crítica literária no século XX.** Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ZIERER, Otto. **Pequena História das grandes nações***:* Inglaterra. São Paulo: Círculo do livro, 1978.